

Leitura de pensamento e condição social

*Mindreading and Social Status*¹

Lisa Zunshine *
University of Kentucky - UK

Tradução de Guilherme Gontijo Flores *
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Tradução de Sergio Maciel Junior *
Universidade Federal do Paraná - UFPR

484

O que significa para um personagem ficcional ser mais complexo do que outro, e por que isso é importante? Um modo de definir a complexidade é olhar para a habilidade do personagem de refletir sobre seu próprio estado mental e sobre o estado mental de outros, isto é, sua habilidade de *integrar* seus próprios pensamentos e sentimentos, assim como os alheios, num nível mais alto, ou mais profundo (escolha sua metáfora). Por exemplo, quando Fanny Price, do romance *Mansfield Park*, de Jane Austen, compreende o sentido de Edmund Bertram pegar o jornal e sair da conversa, ela está integrando estados mentais

¹ Publicado originalmente em *Further Reading*. Matthew Rubery and Leah Price (eds.). New York: Oxford University Press, 2020.

* Ph.D. University of California.

* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

* Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

no quarto nível. Ela *compreende* que Edmund *sabe* que Henry Crawford *quer* falar, em particular, com Fanny sobre os *sentimentos* dela:

[Como] Edmund tivesse percebido, pelo puxar da cadeira [de Henry], sentando-se próximo a ela, que ocorreria um ataque tão meticuloso, que olhares e insinuações seriam bem investidos, ele se afundou com o maior silêncio possível no canto, virou de costas e pegou um jornal, desejando muito sinceramente que a querida pequena Fanny pudesse se persuadir a explicar aquele movimento de cabeça para a satisfação de seu ardente amante... Fanny... cortou-lhe o coração ver a disposição de Edmund.²

A capacidade de Fanny para integração complexa apresenta um contraste severo com a de Lady Bertram, sentada perto dela, que é constitutivamente incapaz de integrar pensamentos e sentimentos além do segundo nível, mas também, na verdade, contrasta com todos em Mansfield, pois Fanny amiúde parece estar um nível mental acima, ou à frente, qualquer que seja a disposição de Bertram ou Crawford. Aqui, por exemplo, Edmund tem consciência das intenções de Henry em relação a Fanny, mas Fanny está um passo à frente, pois está ciente das intenções de Edmund em relação às intenções de Henry em relação a ela própria.

485

Isso pode parecer, à primeira vista, apenas um modo requintado de falar da velha distinção entre personagens rasos e profundos, mas não é³. (Afinal de contas, não poderíamos caracterizar Edmund ou Henry como rasos.) Em vez disso, o foco na capacidade relativa dos personagens de integração complexa captura uma dinâmica distinta muito própria. Ao explorar essa dinâmica, estudantes de literatura devem começar recorrendo a pesquisas no campo da ciência cognitiva, mas essas pesquisas devem ser usadas, basicamente, para lançar nova luz sobre questões que têm sido há muito tempo de especial interesse à nossa disciplina, tais como o papel do contexto histórico e das

² Jane Austen, *Mansfield Park* (Oxford: Oxford Press University), p. 310.

³ Cf. Natalie M. Phillips, *Distraction: Problems of Attention in Eighteenth-Century Literature* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2016), pp. 179-80; e Lisa Zunshine, “Bakhtin, Theory of Mind, an Pedagogy: Cognitive Construction of Social Class”, *Eighteenth-Century Fiction* 30.1 (2017): pp. 109-26; 118.

relações de poder na produção e na recepção dos textos literários. (Ênfase aqui os fins crítico-literários desta empreitada de espreitar minha posição no atual debate entre escolas literárias cognitivas, tais como eu mesma, e os “Darwinistas Literários”, que pensam que as metas e métodos da crítica literária deveriam ser suplantados pelos da ciência e cuja implementação dessa agenda pode ser descrita mais acertadamente como cientificista.⁴)

Eis aqui um breve panorama da minha perspectiva sobre leitura de pensamento e cultura. Ao nos depararmos com as ações dos personagens ficcionais sendo causadas por seus sentimentos e pensamentos (Edmund pega o jornal porque ele *quer* ajudar Henry), nós exercitamos nossas adaptações cognitivas para a leitura de pensamento, também conhecida como teoria da mente. Em certo nível, essas adaptações não distinguem completamente entre os estados mentais de pessoas reais e o de entidades imaginárias que nós “conhecemos” no papel ou na tela: tão logo somos confrontados com o comportamento, começamos a atribuir intenções aos agentes comportamentais. Nas sociedades modernas industriais e pós-industriais, essa ânsia de atribuir estados mentais endossa a variedade de formas ficcionais e (de modo mais amplo) conduz à emergência de “culturas de leitores de pensamento gananciosos”⁵, caracterizadas pelos incontáveis modos e nichos que continuamente satisfazem e aguçam nossos apetites por leitura de pensamento.

Um aspecto da leitura de pensamento, que nos últimos anos recebeu constante atenção de psicólogos sociais e do desenvolvimento assim como de neurocientistas⁶, está relacionado à integração de estados mentais, ou, como

⁴ Cf. Lisa Zunshine, “Introduction to Cognitive Literary Studies”, in *The Oxford Handbook of Cognitive Literary Studies*, ed. Lisa Zunshine (New York: Oxford Press University, 2015), pp. 1-9; e Nancy Easterlin, “Voyages in the Verbal Universe: The Role of Speculation in Darwinian Literary Criticism”, *Interdisciplinary Literary Studies* 2.2 (2001): pp. 59-73; 64.

⁵ Cf. Lisa Zunshine, *Getting Inside Your Head: What Cognitive Science Can Tell Us About Popular Culture* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2012).

⁶ Cf. Rebecca Saxe, “The Right Temporo-parietal Junction: A Specific Brain Region for Thinking About Thoughts”, in *Handbook of Theory of Mind*, ed. Alan Leslie e Tamsin German (New York: Routledge, forthcoming 2021) (http://saxelab.mit.edu/sites/default/files/publications/Saxe_RTPJChapter.pdf); Saxe e Nancy Kanwisher, “People Thinking about Thinking People: The Role of Temporo-parietal

indica o título de um ensaio, “pensando sobre pessoas pensando sobre pessoas pensando”⁷. Enquanto cientistas cognitivos analisam como integrações estruturam nossas interações sociais diárias, críticos literários cognitivistas estendem essa investigação para as representações culturais. Em outro momento, discuti padrões de integração na ficção, tais como, por exemplo, a diferença entre os estados mentais explicitamente explicados e os implicados de personagens, narradores e leitores⁸. Aqui eu me baseio naquele trabalho para olhar os possíveis fundamentos ideológicos de escolhas feitas por escritores quando desenvolvem alguns personagens com maior capacidade de integrações complexas do que outros. Do modo como vejo, a ideologia entra em cena quando escritores intuitivamente invertem certas dinâmicas de leitura de pensamento da vida real em sua alocação de complexidade.

O primeiro modelo: refletindo as dinâmicas da vida real

487

Vamos começar com as dinâmicas da vida real. Talvez por conta da infeliz terminologia (tanto “teoria da mente” quanto “leitura de pensamento” implicam, em demasia, reflexão consciente e perspicácia), assume-se, às vezes, que algumas pessoas são melhores leitoras de pensamento do que outras; isto é, que são mais acuradas do que outras em suas atribuições de estados mentais. Na verdade, não existe, de modo geral, uma noção de bom ou mau leitor de pensamento. Tudo depende do contexto social em que cada um se encontra. Por exemplo, um modo de melhorar imediatamente as habilidades de alguém ler pensamento é assumir seu rebaixamento na hierarquia social. Estudos têm mostrado que pessoas em posições sociais mais vulneráveis se

Junction in ‘Theory of Mind’”, *NeuroImage* 19 (2003): pp. 1835-42; Patricia H. Miller, Frank S. Kessel e John H. Flavell, “Thinking about People Thinking about People Thinking about...: A Study of Social Cognitive Development Child Development”, *Child Development* 41.3 (Setembro 1970): pp. 613-23; e Ian Apperly, *The Cognitive Basis of “Theory of Mind”* (New York: Psychology Press, 2011).

⁷ Miller et al. “Thinking about People Thinking”, 613.

⁸ Lisa Zunshine, “The Secret Life of Fiction”, *PMLA* 130.3 (2015): pp. 724-31.

envolvem de modo mais ativo e perceptivo na leitura de pensamento do que pessoas em posições mais privilegiadas⁹. Isso funciona inclusive quando sabemos se tratar apenas de um jogo: “quando é dado a alguém um papel subalterno numa situação de experimento, essa pessoa se torna melhor em avaliar os sentimentos dos outros, e, de modo oposto, quando a mesma pessoa recebe o papel de líder, ela se torna pior”¹⁰.

Na vida real, aqueles em posições sociais superiores podem afirmar e “exercer sua condição precisamente ao se recusarem a ler os estados mentais dos outros”¹¹. A obtusidade da leitura de pensamento pode funcionar de modo semelhante à ignorância estratégica: “é o interlocutor que tem ou finge ter o *menor* entendimento amplamente informado da prática interpretativa que definirá os termos da troca”¹². Os poderosos, como escreveu Rebecca Solnit, “envolvem-se na indiferença para evitar a dor dos outros e a própria relação com essa dor. Há uma imensa categoria de atos escondidos de pessoas com reputação: quanto mais você é, menos você sabe”¹³.

Mansfield Park reflete essa dinâmica de modo bastante perspicaz, pelo menos na representação de sua protagonista feminina. Fanny Price é jovem (apenas uma criança quando aparece pela primeira vez), mulher e pobre - um caso de caridade sem reivindicações óbvias à beleza ou inteligência. Para sobreviver e prosperar em circunstâncias sociais tão acumuladas contra si, ela precisa estar particularmente atenta aos desejos e intenções das outras pessoas, e ela está. Repetidamente, ela é colocada no topo da cadeia de leitura de pensamento, numa direta inversão de sua posição social em face de seus parentes e de suas posses.

⁹ Cf. Henry Carlo Santos, Igor Grassmann e Michael E. W. Varnum, “Class, Cognition and Cultural Change in Social Class”, *PsyArxiv Preprints*, Julho 2, 2018 (<http://psyarxiv.com/92smf/>).

¹⁰ Sara E. Snodgrass, “‘Womens’ Intuition’: The Effect of Subordinate Role on Interpersonal Sensitivity”, *Journal of Personality and Social Psychology* 49.1 (1985): pp. 146-55.

¹¹ Simon Stern, email communication, March 8, 2018.

¹² Eve Kosofsky Sedgwick, ed., “Privilege of Unknowing: Diderot’s *The Nun*”, in *Tendencies* (Durham, NC: Duke University Press, 1993), p. 23.

¹³ Rebecca Solnit, “Nobody Knows”, *Harper’s Magazine* (Março 2018): p. 5.

Um dos muitos modos pelos quais Austen alcança isso é ao nos apresentar uma cena aparentemente completa, delineando os sentimentos integrados de todos - o que parece complexo o bastante, por enquanto - e então sobrepor a mente de Fanny no topo da cena. Por exemplo, quando a juventude dourada de Mansfield Park embarca em sua produção teatral mal concebida, aprendemos que Julia Bertram tem ciúme de sua irmã Maria, que é claramente preferida por Henry Crawford; que Maria ignora os sentimentos de Julia; e que Julia espera o noivo de Maria, Sr. Rushworth, tome conhecimento da impropriedade de seu comportamento e a exponha à humilhação pública:

[Julia] não era superior à esperança de um fim angustiante às atenções que ainda continuavam lá, uma punição à Maria pela conduta tão vergonhosa em relação a ela mesma e também em relação ao Sr. Rushworth... Maria sentiu seu triunfo e perseguiu seu propósito, a despeito de Julia; e Julia nunca poderia ver Maria distinguida por Henry Crawford sem acreditar que isso causaria ciúmes e traria ao menos uma perturbação pública.

489

À mistura dessa integração entre segundo e terceiro nível Austen adiciona, então, a consciência de Fanny em relação aos sentimentos de Julia, enquanto garante também que não haja uma consciência recíproca (e com isso uma complexidade comparável) da parte de Julia:

Fanny viu e se apiedou de Julia; mas não havia comunhão externa entre elas. Julia não estabeleceu contato, e Fanny não tomou nenhuma liberdade. Elas eram duas sofredoras solitárias, conectadas apenas pela consciência de Fanny.¹⁴

A consciência de Fanny é, de fato, o local onde vários personagens são “conectados”, ou, dito de outro modo, onde muitas das integrações em quarto nível do romance tomam forma. Para descrever um deles (um tipo de exercício que em geral resulta numa prosa tristemente pedestre, pois, no texto original, aquelas integrações de alto nível são com frequência mais implícitas do que estabelecidas em sua completa glória proposicional), podemos dizer que Fanny

¹⁴ Austen, *Mansfield Park*, p. 197.

sabe que Julia é miserável porque Julia sabe que Henry gosta de Maria. Podemos dizer ainda que Fanny *intui* que Julia *espera* que o Sr. Rushworth *compreenda* que o comportamento de Maria faz as pessoas *pensarem* que ele é um bobo e se vinga dela, e, embora compassiva de algum modo em relação a Julia, ela não pode encontrar algo em si para sentir empatia por essa esperança específica de sua prima.

Como Austen é considerada, em certas áreas, a santa padroeira da crítica literária cognitiva (i.e., alguém cuja prosa é particularmente favorável à exploração cognitiva), vamos nos voltar agora a autores de diferentes tradições literárias e culturais. No século dezoito da China clássica, o livro *O sonho da câmara vermelha*, de Cao Xueqin, também conhecido como *A história da pedra* (ca. 1750), meninas e jovens tipicamente integravam os estados mentais num nível superior ao de homens e senhoras ricas¹⁵. Embora belas, talentosas e mimadas por suas famílias, essas personagens femininas são impotentes. Seus destinos são decididos pelos mais velhos, que não podem - e não irão - ler suas emoções e, conseqüentemente, condenam as jovens sob sua tutela a vidas miseráveis e a uma morte precoce.

As habilidades impressionantes de leitura de pensamento das jovens de Cao destacam-se na longa história das respostas literárias à estratificação social na China pré-moderna. Como observa Haiyan Lee,

[Em sociedade] estruturadas por sociabilidade de parentesco... a teoria da mente certamente está presente e é útil, mas nem sempre é valorizada na vida social e não anima uma cultura expressiva ao mesmo ponto [como acontece] em sociedades modernas comerciais estruturadas pela sociabilidade de estranho, pelo cosmopolitismo e pela mobilidade social... As estruturas hierárquicas de [sociabilidade de parentesco] estabelecem um grande bônus na teoria da mente aos

¹⁵ Lisa Zunshine, "From the Social to the Literary: Approaching Cao Xueqin's *The Story of the Stone* (Honglou meng) from a Cognitive Perspective", in *The Oxford Handbook of Cognitive Literary Studies*, ed. Lisa Zunshine (New York: Oxford Press University, 2015), pp. 176-96.

subordinados em relação aos poderosos, com isso adicionando uma camada de opróbio a seu exercício.¹⁶

Quando a subordinação segue as linhas de gênero, a sagacidade da leitura de pensamento (configurado como astúcia) a segue de perto:

Mulheres numa sociedade patriarcal e patrilinear, sobretudo jovens noras, são motivadas a serem retraídas, a adotarem uma mentalidade calculista, bajuladora e defensiva, e a orientarem suas ações com base nas intenções dos membros mais poderosos (homens mais velhos) do grupo familiar.¹⁷

Subalternos bajuladores, defensivos e calculistas, homens ou mulheres, não constituem personagens simpáticas, e é por isso que tais tipos tendem a “exercer atividades suspeitas como intermediários, cafetinas, mestres de litígio, profetas, vendedores, uma variedade de aproveitadores que tiram proveito dos honestos e desavisados.” Assim, como assinala brilhantemente Lee,

[Em algumas] circunstâncias excepcionais... a leitura de pensamento se torna uma vantagem e o praticante consumado é admirado e celebrado como um herói cultural. A maioria dessas circunstâncias envolve forças do bem combatendo forças do mal, como numa guerra ou numa investigação criminal. De modo mais raro, a teoria da mente é mobilizada para enredar o amor romântico.¹⁸

491

Em outras palavras, podemos ler a história literária da China pré-moderna como pontuada pela aparição de trabalhos que valorizam a capacidade do personagem para a integração complexa de estados mentais. Esses trabalhos incluem crônicas de guerra (tal como o romance do século quatorze de Luo Guanzhong *O romance dos três reinos*) e romances policiais (como o estudo de caso do século XVIII do Juiz Di), assim como o romance extraordinário de

¹⁶ Haiyan Lee, “Measuring the Stomach of a Gentleman with the Heart-Mind of a Pipsqueak: On the Ubiquity and Utility of Theory of Mind in Literature, Mostly”, *Poetics Today* 41.2 (2020), no prelo. Para uma discussão aprofundada sobre “sociabilidade de parentesco”, cf. Haiyan Lee *The Stranger and the Chinese Moral Imagination*. Stanford: Stanford University Press, 2014.

¹⁷ Lee, “Measuring the Stomach”.

¹⁸ Lee, “Measuring the Stomach”.

formação *O sonho da câmara vermelha*. Embora algumas jovens deste romance (mais obviamente, Wang Xi-feng) ainda se apresentem como defensivas e calculistas, a maioria se mantém fiel ao ideal que o Cao Xueqin de meia idade estabeleceu para trazer de volta à vida, após se encontrar um dia, de baixo astral, “pensando em companhias femininas” da sua juventude:

Enquanto as repassava uma por uma, examinando-as e comparando-as no olho da minha mente, ocorreu-me de repente que aqueles rebentos de garotas - elas eram apenas isso - eram de todos os modos, tanto moral quanto intelectualmente, superiores ao “senhor grave e bigodudo” que acredito ter agora me tornado.¹⁹

E assim, em direto contraste com as jovens de, por exemplo, *A flor de ameixa no vaso de ouro* (ca. 1590), cuja capacidade afiada para integrações de alto nível de estados mentais faz delas traidoras, mentirosas e hipócritas²⁰, a complexidade cognitiva das garotas d’*O sonho* se manifesta em suas admiráveis sofisticações sociais e na sensibilidade poética. Longe de estragar suas personalidades, suas condições subalternas concedem pungência à superioridade moral e intelectual delas.

492

Cruzemos novamente fronteiras. Se olharmos para a literatura russa anterior a 1760 (isto é, antes dos escritores russos serem expostos aos modelos ocidentais, tais como os romances sentimentais, que prezavam pela complexidade sociocognitiva de seus protagonistas²¹), veremos algo muito semelhante ao que Lee descreve como associação de tamanha complexidade com “insignificâncias”, isto é, com personagens socialmente insignificantes que, contudo, conseguem criar problemas aos “cavalheiros”.

¹⁹ Xueqin Cao, *The Story of the Stone*, Volume 1: “*The Golden Days*”, trad. David Hawkes (London: Penguin, 1973), p. 20.

²⁰ Para essa discussão, cf. Lisa Zunshine, “I Lie Therefore I Am”, in *Approaches to Teaching The Plum in the Golden Vase*, ed. Andrew Schonebaum (New York: MLA, no prelo).

²¹ Liza Zunshine, ““Think What You’re Doing, Or You’ll Only Make an Ugly Reputation of Yourself”: *Chin P’ing Mei*, Lying, and Literary History”, in *Cognitive Poetics* (December, 2017): pp. 44-62.

Há o exemplo de Frol, do anônimo *Conto de Frol Skobeev* (1680-1720), um insignificante social que ascende à riqueza e à nobreza por estar sempre um passo (i.e., um estado mental) à frente de várias figuras aristocráticas que aparecem em seu caminho. Frol é um vigarista (lembrem da observação de Lee de que um insignificante social pode usar suas habilidades de leitura de pensamento para se tornar um “mestre de litígios?”), que manipula a única filha de um cortesão para dormir consigo e então foge com ela. Quando os pais aflitos descobrem o que aconteceu, primeiro pensam em processar o malandro, mas logo depois cedem e começam a presentear o jovem casal com terras e dinheiro, enquanto xingam o genro de “ladrão” e “cafajeste”²².

Eles cedem porque Frol sabe como manipular seus sentimentos. Quando enviam um empregado para verificar o estado de saúde de sua filha, Frol pede que sua esposa finja estar doente e diz ao empregado: “Veja você mesmo, meu camarada, como ela está: é isso que a raiva dos pais causa - eles a reprimem e conjuram de longe, e aqui está ela, morrendo.”²³ Frol *quer* que seus sogros *pensem* que a *raiva* deles está matando sua filha, um estratagema que rapidamente arrefece a ira dos pais e coloca Frol no caminho da prosperidade.

Críticos consideram o *Conto de Frol Skobeev* como um dos primeiros exemplos do picaresco russo²⁴. Visto no contexto do presente argumento, essa caracterização levanta a intrigante possibilidade de uma leitura cognitivista da figura literária do pícaro. Do romance *Guzmán de Alfarache* (1599-1604), de Mateo Alamán, ao *Moll Flanders*, de Daniel Defoe, pícaros têm usado suas habilidades superiores de leitura de pensamento para agradar, intimidar, enganar e abrir caminho à sua sobrevivência econômica. Eles são, simultaneamente, uma ameaça - à medida que suas sociedades ainda mantêm traços “sociabilidade de parentesco” (e qual sociedade não faz isso? - ainda que seja na forma de fantasias culturais da era de ouro, quando todos os

²² Zunshine, “Think What You’re Doing”, p. 47.

²³ Tradução minha (original em: <http://www.drevne.ru/lib/frol.htm>).

²⁴ Marcia A. Morris, *The Literature of Roguery in Seventeenth-and Early Eighteenth-Century Russia* (Chicago: Northwestern University Press, 2000), p. 51.

comportamentos eram transparentes, pró-sociais e nenhuma sagacidade de leitura de pensamento era necessária) - e um deleite aos leitores que acompanham seus truques desonestos com prazer culpado.

Localizamos a associação entre personagens de condição social mais baixa (baixa, quer dizer, em termos mais relativos do que absolutos: sempre em comparação com alguém na estória) e sua elevada capacidade de integrações complexas num amplo espectro de narrativas ficcionais. Alguns personagens integram estados mentais à medida que dominam a trama para ajudar seus desajeitados senhores, como é o caso do “escravo sagaz” das comédias da Grécia antiga e de Roma. Alguns enganam um animal maior, mais violento e perigoso para salvar suas vidas, como é o caso do Coelho Brer do folclore do oeste africano e do ratinho de *Gruffalo*, de Julia Donaldson. Alguns não parecem ter qualquer compromisso e apenas exibem um domínio de insinuações mais elevadas que o de seus “superiores” sociais, como é o caso de servo de Algernon, Lane, no romance *The Importance of Being Earnest*, de Oscar Wilde.²⁵

Alguns possuem papel central, como é o caso do Jeeves de P.G. Wodehouse. Outros apenas fazem pequenas aparições, como é o caso do Lane, de Oscar Wilde. Ainda há outros, como os limpadores de escritórios do livro *Saving Agnes* (1993), de Rachel Cusk, que são personagens episódicos que não possuem qualquer característica de identificação e conseguem superar o personagem principal no esquema de leitura de pensamento enquanto permanecem anônimos:

Agnes correu para dentro da casa num estado de considerável angústia. Ela havia sido forçada, pela indiferença com que o departamento editorial se aproximava do prazo, a ficar até mais tarde no escritório, trabalhando sozinha enquanto os zeladores esvaziavam as lixeiras e aspiravam o chão ao redor dela. Vendo-os limpar os

²⁵ Cf. a discussão de Michael Patrick Gillespie sobre a dialética entre mestre e servo em “From Beau Brummell to Lady Bracknell: Re-viewing the Dandy in *The Importance of Being Earnest*”, in Oscar Wilde, *The Importance of Being Earnest*, ed. M. P. Gillespie (New York: Norton, 2006), p. 179.

detritos desagradáveis do seu dia, ela foi tomada por sentimentos de vergonha e culpa e tentou interagir com eles por meio de brincadeiras. Sem se deixar enganar por sua condescendência, no entanto, eles rejeitaram completamente suas aberturas e a deixaram sentir que uma misteriosa troca de poderes havia se instaurado, cujas manobras precisas ela não era capaz de compreender.²⁶

Se projetarmos essa “misteriosa troca de poderes” nos termos de seu estado mental subjacente, podemos dizer que *Agnes quer se sentir melhor* ao tentar bater um papo com os zeladores (segundo nível de integração). Os zeladores, no entanto, *sabem* que ela *quer* usá-los para *se sentir melhor* (terceiro nível de integração) e negam a ela essa satisfação. Como Agnes parecia esperar que seu privilégio de classe fosse automaticamente se traduzir em sagacidade social superior (ainda que não consiga ver os zeladores como pessoas com rostos e nomes), quando a conversa não segue o caminho previsto, ela se sente brava e desorientada.

O Segundo Modelo: Invertendo as dinâmicas da vida real

495

Considerarei, até agora, casos nos quais a relativa complexidade sociocognitiva²⁷ de personagens ficcionais acompanham a correlação da vida real entre posições sociais mais fracas e leituras de pensamento mais ativas e perceptivas. Volto-me, agora, a textos literários que invertem essa relação. Do modo como vejo, nenhum padrão por si só diz algo sobre o valor estético do texto, mas o último (i.e., a correlação invertida) é um indicador de uma intenção particular ideológica por parte do autor, independentemente de ele ter consciência disso ou não.

Meu primeiro exemplo vem do romance epistolar *Evelina* (1778), de Frances Burney. Tendo fala sobre isso em outro lugar, direi aqui apenas que a capacidade diferencial para funções de integração em *Evelina*, na forma de heteroglossia, complementa outros marcadores de discurso com classes

²⁶ Rachel Cusk, *Saving Agnes* (New York: Picador, 1994), p. 157.

²⁷ Para definição e discussão do termo, cf. Zunshine, “The Secret Life”, p. 728.

diferentes. Por isso, os comerciantes de Burney e os alpinistas sociais com mentalidade de comerciantes não passam do segundo nível em suas atribuições de estados mentais, enquanto as senhoras e os senhores de lazer sem qualquer esforço atingem o terceiro e quarto níveis de integrações em quase tudo que falam²⁸.

Como é possível explicar essa reversão das dinâmicas sociocognitivas da vida real? Podemos especular que isso reflete a ansiedade do período sobre a porosidade incipiente dos limites de classes e/ou do nervosismo da família Burney sobre sua posição social. De todo modo, isso busca naturalizar as classes sociais, retratando os personagens de classes superiores como mais cientes dos seus sentimentos e dos sentimentos alheios e, por isso, mais merecedores da simpatia dos leitores do que os personagens das classes mais baixas, com sua limitada capacidade para integrações complexas.

Note que, ao enquadrar o padrão de integração de *Evelina* como um projeto ideológico, assumimos a pronta disponibilidade de um modelo cultural segundo o qual a sagacidade da leitura de pensamento é associada a posições sociais elevadas. Impreciso como esse modelo pode ser quando se trata de comunicação na vida real, ele tomou conta do imaginário popular do século dezoito, justificando, em particular, certos gêneros de alta literatura, como romance e peças sentimentais. Desenvolvido lado a lado com gêneros centrados no “insignificante”, como o picaresco, eles entraram num jogo paralelo com esses (isto é, fingindo que o outro não existe: pensemos em *Moll Flanders*, de Daniel Dafoe, e em *Os Amantes Conscientes*, do Richard Steele, ou em *Fanny Hill*, do John Cleland e em *Clarissa*, do Samuel Richardson).

Para reconstruir a genealogia desse modelo é preciso voltar à Comédia da Restauração, onde a sagacidade aristocrática, como a de Dorimant em *The Man of the Mode*, de George Etherege, integra estados mentais no quarto até quinto

²⁸ Zunshine, “Bakhtin”, p. 126.

nível, ao passo que suas amantes e os aproveitadores mal os acompanham²⁹. É verdade que para todo Horner - o conspirador de classe superior de *A Country Wife*, de William Wycherley - há uma Lucy: a empregada sagaz, que intervém no momento decisivo para salvar seus “superiores” de uma catástrofe. Ainda, depois de 1670, integradores aristocratas de alto nível se tornaram um tipo literário reconhecível, pavimentando o caminho para as sofisticadas epistolografias de Richardson e Burney. As peças da Restauração obviamente surgiram suas próprias intenções políticas - uma delas era agradar uma série de patrocinadores reais e seus amigos (que deveriam se considerar os mais astutos de todos) - o que demonstra ainda outro modo pelo qual a ideologia pode conduzir o modelo de correlação inversa na ficção.

Voltando ainda mais um pouco, é possível encontrar uma régua alta no espectro sociocognitivo na peça *Measure for Measure* (1604), de Shakespeare. Em Shakespeare, os homens no poder não costumam ser conhecidos por sua perspicácia na leitura de pensamento; ainda assim, Duque Vicentio obtém uma peculiar satisfação pessoal da leitura e da roteirização das emoções complexas de seus assuntos. Desse modo, ele quer que Isabella pense que Angelo decapitou seu irmão, Claudio - ainda que Claudio esteja vivo - para que, mais tarde, quando ela menos esperar, ele possa revelar a ela a verdadeira condição dos casos e transforme seu desespero num “sublime conforto”:

Isabela [dentro]: Que venha a paz!
Duque: A língua de Isabel. Veio saber
se há o perdão de que depende o irmão;
Mas vou mantê-la sem saber seu bem,
dando um celeste alívio ao desespero,
quando menos espera.³⁰

²⁹ Lisa Zunshine, “Why Jane Austen Was Different, and Why We May Need Cognitive Science to See It”, *Style* 41.3 (2007), pp. 287-90.

³⁰ William Shakespeare, *Measure for Measure*, in Shakespeare, *The Complete Works*, ed. G. B. Harrison (Fort Worth: Harcourt Brace College Publishers, 1980): IV. iii. vv. 110-14.

O Duque sabe que Isabella ficará devastada quando ouvir da execução de seu irmão. Ele *sabe* também que ela se alegrará além da conta quando souber que seu irmão está vivo - *mais feliz*, presumivelmente, do que *estaria* caso não acreditasse que ele estivesse morto (quarto nível de integração). Isso equivale a dizer que o Duque está buscando se colocar numa posição semelhante à de Deus, na qual ele teria pleno acesso aos sentimentos de Isabella, tanto agora quanto depois (i.e., quando a verdade for revelada). Sua ânsia pela leitura de pensamento é tingida com sadismo, mesmo que ele deseje elevar a felicidade de Isabella ao ponto mais alto (uma dinâmica literária de leitura de pensamento que chamo, algures, de “benefício sádico”³¹).

Measure for Measure é considerada uma das “peças problema” de Shakespeare. Como comenta Steve Vineberg, “a longa cena final pode soar à audiência como sádica... E quando o Duque propõe casamento à Isabella, após tudo que ele a fez passar, você fica pensando no que Shakespeare estava pensando.” Diretores lidam com esse problema de modos diferentes. Alguns reforçam a crueldade emocional do Duque, mostrando que Isabella não tem um descanso na sociedade patriarcal da Viena de Shakespeare; outros explicam o comportamento do Duque pelo seu desejo de ver se Isabella é capaz de generosidade - de “mover-se para além de suas injúrias para agir em favor de outros”³² -, como quando ela se ajoelha diante do Duque para pedir pela vida de Angelo enquanto ainda acreditava que Angelo havia matado seu irmão. Embora caridosa em relação ao Duque, essa leitura ainda não consegue explicar sua intenção declarada de afundar Isabella no mais profundo desespero apenas para deixar sua subsequente alegria mais intensa. Ele pode alegar que fez isso para o bem dela, porém extrai disso uma fantasia intoxicante de pleno acesso a seus sentimentos.

³¹ Zunshine, *Getting Inside*, Capítulo 3.

³² Steve Vineberg, “Problem Plays”, *The Threepenny Review* 52 (1993), pp. 32-4; 33.

O que acho impressionante em relação ao problema ético que o comportamento do Duque apresenta é que isso parece ser essencialmente *nosso* problema, enraizado em nossa própria sensibilidade particular e historicamente situada. Shakespeare em si pode não ter visto as ações do Duque como questionáveis. A razão pela qual digo isso é porque não consigo perceber nem uma pitada sequer de punição a esse “benfeitor sádico”. O Duque permanece sendo amado por seus súditos e, quando a peça termina, ele está à beira de ser recompensado com um casamento com uma mulher mais jovem, bonita e virtuosa. Parafraseando Hamlet, isso é emprego e salário, e não reconhecimento de um problema.

Coloquemos, então, nossa reação “ética” de lado por um momento. Relembremos, no entanto, que os governantes da vida real são péssimos em leitura de pensamento e que Shakespeare não precisava das pesquisas contemporâneas em psicologia cognitiva para saber disso, nem a sua audiência³³. Isso significa que, para eles, igualar a destreza de leitura de pensamento com posições sociais elevadas pode ter tido um sentido político completamente diferente. O espaço da peça permitiu que Shakespeare e seus contemporâneos fantasiassem sobre seus superiores sociais, que se importariam com os sentimentos de seus subalternos tão profundamente que despenderiam tempo buscando modos de entrar em suas mentes e roteirizar suas emoções. Pois, embora esse esforço pareça sádico para nós, um sujeito do início dos tempos modernos ficaria lisonjeado ao pensar nisso e ficaria pensando se não mereceria mais atenção política de seus governantes do que tivera recebido até agora.

Essa é a única possibilidade de leitura da inesperada complexidade sociocognitiva do Duque? Claro que não. Não pretendo fornecer tal leitura. Em

³³ Para uma importante discussão sobre o que significa para um autor exibir uma consciência intuitiva de várias sacadas “cognitivas” que não poderiam ser conhecidas pelo pensamento científico (ou filosófico natural) de seu tempo, cf. Patrick Colm Hogan, *Sexual Identities* (New York: Oxford University Press, 2017).

vez disso, quero enfatizar que essa complexidade é inesperada - e que, com frequência, a associação entre capacidade para integração de alto nível e condição social elevada tem bases políticas específicas.

Quero também demonstrar como usar sacadas da ciência cognitiva contemporânea (tal como a associação de melhores habilidades de leitura de pensamento com condições sociais mais baixas) pode nos ajudar a historicizar nossa resposta emocional a um personagem ficcional, uma resposta que de outra forma pareceria óbvia (como em “O Duque é sádico! Pobre Isabella! Em que Shakespeare estava pensando?”) e por isso aistórica. O historicismo cognitivo³⁴ tem conquistado terreno entre diferentes campos e escolas literárias; com esse ensaio, espero contribuir com esse crescente repertório de modelos interpretativos.

Uma nota de rodapé sobre Cognição e Ideologia

500

Quando, sob regimes políticos opressivos, a produção literária (e cinematográfica) se torna explicitamente regulada, a sofisticação da leitura de pensamento adquire um novo sentido ideológico. Por isso, na ficção publicada na União Soviética, sob a égide do realismo soviético, personagens de condições sociais mais baixas deveriam ser às vezes retratados como menos complexos sociocognitivamente do que os de condição social elevada. Isto é, eles *não* participam de leituras de pensamento em alto nível quando confrontados com as maquinações dos personagens de alta classe.

Isso pode parecer um exemplo ambíguo do segundo modelo, mas não é. Embora, tecnicamente falando, esses personagens com baixa integração, como os

³⁴ Cf. Mary Thomas Crane, “Cognitive Historicism: Intuition in Early Modern Thought” in *The Oxford Handbook of Cognitive Literary Studies*, ed. Lisa Zunshine (New York: Oxford University Press, 2015), pp. 18-33.

inábeis operários, os camponeses indigentes e as crianças órfãs errantes, ocupem o degrau mais baixo da escada socioeconômica, eles não são exatamente os “insignificantes” de antigamente. Em vez disso, eles são a nova aristocracia - aristocracia do espírito, por assim dizer -, ainda que nunca sejam chamados desse modo. O futuro pertence a eles. Devido à sua condição atualmente privada de direitos, eles têm acesso privilegiado garantido a fontes educacionais, políticas, econômicas e reprodutivas. Em contraste, vários “especialistas antigos” (“spetsy” no jargão meio respeitoso meio desdenhoso dos anos 1920-30), que conseguiram manejar a exploração da educação deles sob o regime czarista em empregos lucrativos de alta classe no período soviético, estão condenados à irrelevância e à extinção. São esses personagens endinheirados, assim como seus jovens protegidos, que subtraem de nossos protagonistas pobres sua devida parcela do paraíso socialista, mas não por muito tempo, nunca por muito tempo.

Por Exemplo, Sania Grigoriev, protagonista do romance amplamente amado de Veniamin Kaverin, *Os dois capitães* (1938-45), é retratada quase completamente sem malícia, assim como seus amigos e sua namorada/esposa. É seu arqu-inimigo, um corretor no velho regime e diretor escolar/acadêmico distinto no novo, N. A. Tatarinov, assim como o discípulo favorito de Tatariov, Romashov, que se envolvem numa leitura de pensamento complexa destinada a destruir o herói. Quando, ao final do livro, Sania, uma ex-criança-de-rua convertida em piloto ártico, ganha vantagem, isso ocorre graças à sua determinação, coragem e boa sorte, não ao fato de ser mais esperto do que seus inimigos. Entre 1948-56, Kaverin recriou sua dinâmica de leitura de pensamento em outro romance popular (e também repetidamente televisionado), *O livro aberto*, cujo protagonista honesto, uma pobre empregada de copa convertida numa famosa microbióloga, triunfa finalmente sobre seus adversários na trama. O velho maquiavelismo deles não é páreo para o talento e a personalidade aberta dela.

Pode chamar de primeiro modelo com reviravolta. O que temos aqui é nossa familiar correlação entre baixa posição social e habilidade para integrações de alto nível, com a exceção de que personagens de baixa classe (i.e., os elementos burgueses condenados) podem aparecer como personagens de alta classe, enquanto os trabalhadores oprimidos, camponeses e mendigos podem levar algum tempo para se revelarem como a nova aristocracia. E essa aristocracia proletária, presumivelmente, não precisa se sobressair na leitura de pensamento, uma vez que a revolução de 1917 já colocou as probabilidades socioeconômicas a seu favor.

Além disso, seus inimigos não devem ser assim tão bons em leitura de pensamento também. Em seu estudo sobre o destino das ficções policiais na República Popular da China, Lee fornece uma importante sacada sobre uma forma historicamente particular que a associação literária entre condição social elevada e baixa habilidade de leitura de pensamento é capaz de assumir sob o olhar vigilante do Partido Comunista. Como ela explica, após 1949,

502

[A] até então próspera ficção policial foi rotulada como burguesa e suprimida. A nova sociedade deveria ser organizada como uma comunidade política em que todos seriam irmãos e irmãs sob o cuidado benevolente e paternal do Partido Comunista. Todos possuíam um lugar estabelecido na sociedade e todos eram uma porção conhecida. Quem teria qualquer necessidade de leitura de pensamento numa sociedade tão transparente?... O único gênero de ficção autorizado a florescer no período socialista era o suspense de espionagem. Crucialmente, o jogo mental que sustenta esse gênero era diretamente contrário ao “inimigo de classe”, tanto interno quanto externo. Ainda assim, agentes inimigos não podiam de fato brilhar sociocognitivamente. Em vez disso, planejavam e conspiravam num nível cognitivo baixo, fazendo assunções ridiculamente infantis e cometendo gafes rudimentares. E não foram necessários muitos volteios para enredá-los na enorme rede de pessoas da justiça.³⁵

Então, enquanto o proletariado tiver a necessidade de “brilhar” sociocognitivamente, seus inimigos “não serão autorizados” a fazer isso. Isso por acaso resultou em décadas de produção literária oficial, geralmente com

³⁵ Lee, “Measuring the Stomach”; cf. também Haiyan Lee, “Society Must Be Defended: Chinese Spy Thrillers and the Enchantment of *Arcana Imperii*”, artigo não publicado.

baixos níveis de complexidade de leitura de pensamento, enquanto trabalhos que empregavam personagens sociocognitivamente complexos de fato tiveram que buscar mercado em outro lugar: no exterior ou no clandestino/*samizdat*? E por acaso isso quer dizer que a complexidade sociocognitiva dos narradores, leitores implícitos e autores implícitos deveria ser rebaixada também?

Pelo menos um fator que parece sustentar essa conjuntura é a supressão, na ficção Soviética, do estilo de escrita que hoje associamos à narração não confiável. Obras como *As aventuras de Julio Jurenito* (1922), de Ilya Ehrenburg, *Inveja* (1927), de Yuri Olesha, e *Trabalhos e dias de Svistonov* (1929), de Konstantin Vaginov, ainda apresentavam narradores não confiáveis³⁶, mas, quando, no da década de 1930, o realismo socialista se tornou o paradigma dominante, essa experimentação estilística pagou o preço. Por isso, *U* (1932), de Vsevolod Ivanov, não foi publicado na União Soviética até 1988, enquanto *A câmara de N* (1935), de Leonid Dobychin, foi selecionado para receber um castigo durante a campanha de 1936 “contra o formalismo e o naturalismo”, levando o autor a cometer suicídio. Com seu afastamento da integração baseada nos personagens para o surgimento quase exclusivo da integração de um toma lá da cá entre leitor implícito e autor implícito, *A câmara de N* encampou uma experimentação com a subjetividade ficcional que deve ter sido recebida como subversão política. De fato, como observa Richard C. Borden, há “algo de mistério em como o livro foi publicado no ápice do stalinismo, quando o conservadorismo dogmático, para não dizer nada sobre o filistinismo, regulava o sistema da arte.”³⁷

Desenvolver o argumento sustentado sobre reprimida complexidade sociocognitiva da literatura do período soviético está além do escopo desse

³⁶ Para uma recente discussão sobre as funções do narrador não confiável no romance russo de 1920-30, cf. Г. А. Жиличева, “Функции «Ненадежного» Нарратора в Русском Романа 1920-30-х Годов”, Вестник ТГПУ (TSPU *Bulletin*) 11.139 (2013), pp. 32-8.

³⁷ Richard C. Borden, “Leonid Dobychin’s *The Town of N*: Introduction”, in Leonid Dobychin, *The Town of N*, trad. (do russo) de Richard C. Borden e Natalia Belova (Evanston: Northwestern University Press, 1998), p. viii.

ensaio. Eu meramente o coloco aqui como uma questão aberta e uma sugestão para explorações futuras. Aquilo que desejo enfatizar, como esse e outros estudos de caso das tradições literárias inglesas, chinesas e russas, é que cognição e ideologia estão ligadas uma à outra numa variedade de formas historicamente específicas, e que a investigação cognitivo-literária é, com isso, fundamentalmente uma investigação histórica.

Bibliografia complementar

COOK, Amy. *Shakespearean Neuroplay: Reinvigoration the Study of Dramatic Texts and Performance through Cognitive Science*. London: Palgrave Macmillan, 2010.

CRANE, Mary Thomas. *Shakespeare's Brain: Reading with Cognitive Theory*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

LEE, Haiyan. *The Stranger and the Chinese Moral Imagination*. Stanford: Stanford University Press, 2014.

504

RICHARDSON, Alan. *The Neural Sublime: Cognitive Theories and Romantic Texts*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2010.

SPOLSKY, Ellen. *Satisfying Skepticism: Embodied Knowledge in the Early Modern World*. Farnham: Ashgate, 2001.

TRIBBLE, Evelyn B. *Cognition in the Globe: Attention and Memory in Shakespeare's Theatre*. London: Palgrave Macmillan, 2011.

ZUNSHINE, Lisa. *Getting inside your head: What Cognitive Science Can Tell Us About Popular Culture*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2012.